

Padê Epistêmico¹

David Santos da SILVA

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA.²**RESUMO**

Este estudo interdisciplinar explora a comunicação através da figura de Exu, um orixá da tradição iorubá, e das perspectivas de Paulo Freire sobre o campo. Utilizando uma abordagem qualitativa e exploratória, a pesquisa se baseia na comunicação popular e na oralidade como fonte. A análise revela que a comunicação popular, que busca superar as desigualdades sociais e valorizar a diversidade cultural, tem em sua estrutura traços freirianos e de Exu, e conclui que a defesa dos espaços construídos pela comunicação popular é uma maneira de estreitar os laços com o Brasil e compreender que a comunicação é um campo genuinamente interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Popular; Exu; Paulo Freire; Cultura Brasileira; Epistemologia Brasileira.

CORPO DO TEXTO

Escrever sobre Exu é amarrar epistemologicamente a poesia, para que se faça entender e ecoar a política dos povos brasileiros e saberes fazeres dos campos da comunicação. No agdã de Exu estão os cruzos de outras temporalidades, diálogos nas vielas cartografadas pela pomba e o rompimento do discurso colonial. Nessa trama textual, o convite que faço é para participar deste *padê* epistêmico, onde o referencial teórico sobre a Comunicação Popular e seus diálogos freireanos estarão imbricados.

Para nós pessoas que vivem/renascem em contextos afro-atlânticos a comunicação surge com Exu, o orixá da expansão e da ruptura e do diálogo. Seguindo as noções da tradição iorubá, é o patrono do movimento, o arquiteto do nascimento dos seres humanos, e o responsável pelo retorno da sua matéria espiritual ao *orun*. São tantas faces filosóficas e cosmológicas ligadas a Exu, que daria para escrever um outro projeto de pesquisa e estudo, por aqui vamos usar a face de Exu do Senhor do Mercado. Dialogando com Ivan Poli (2019) e sua visão Antropológica dos Orixás, Exu entre outras coisas é relacionado com o sistema de comunicação dos povos iorubá e da dinâmica de construção das teias comunicacionais, que foram elaboradas em diáspora.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo (UFRB) e Pós-graduando em Comunicação (PPGCOM - UFRB), email: bixhodosol@gmail.com

No Recôncavo, onde tramo está escrita-encruzilhada sua característica está historicamente refletida na criação da feira como instituição de difusão de notícias para a comunidade:

o mercado e a feira, para os nagôs, podem representar o jornal e as revistas, no contexto de civilizações baseadas na cultura oral e que não se utilizam da escrita (como a maior parte das civilizações subsaarianas), o que dá ainda maior relevância ao papel que desempenham nos sistemas de comunicação destas civilizações. (POLI, 2019, p.68)

A feira ou mercado em diáspora, está pautado no diálogo, com a possibilidade de escuta e compreensão do Outro, impulsionando novas experiências de vida construída na cotidianidade com o espaço de troca. É nesse espaço que ainda hoje se dinamiza a interação e a troca de informações, ideias e experiências. A feira ou mercado, nesse sentido, não é apenas um espaço físico, mas também um espaço social e de Exu, onde as pessoas se encontram, interagem e se comunicam. É um lugar onde a oralidade ganha destaque, onde as histórias são contadas e recontadas, onde o conhecimento é transmitido e compartilhado. É um espaço onde o Outro é reconhecido e valorizado, onde a diversidade é celebrada e onde a comunicação se dá de forma direta e autêntica. Assim, a feira ou mercado, para nós afro-indígenas, e outras civilizações subsaarianas (iorubanas), é muito mais do que um local de comércio: é um espaço vital de comunicação e interação social.

O pensamento Freireano e seu estudo sobre a comunicação como uma relação dialógica com a pedagogia, pode ser articulado com o sistema comunicacional de Exu, que possibilita aos sujeitos e sua comunidade participarem dos processos comunicacionais enquanto seres políticos e pensantes:

Um sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário. Esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação.” (FREIRE, 1985,p.66)

Logo, repenso Exu enquanto princípio estruturador dos campos sociais para as populações negras, um ser múltiplo para compreender a Comunicação que, assim como a pedagogia de Paulo Freire, valoriza a dialética e a interação entre os sujeitos. Exu, nesse contexto, pode ser visto como um mediador, um facilitador da comunicação, que permite a troca de experiências, conhecimentos e perspectivas. Ele é um princípio que

reconhece a importância do Outro na construção do pensamento e na formação do indivíduo. Assim, a comunicação não é apenas uma troca de informações, mas um processo de construção conjunta de significados e de compreensão mútua. É nesse sentido que Exu e a pedagogia Freireana se encontram e se complementam, ambos valorizando a comunicação como um ato social e político, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Desde os primórdios, as civilizações elaboraram cosmogonias que determinaram o modo de vida e dinâmica nos espaços públicos e privados. No Brasil, algumas etnias originárias da terra acreditam em seres espirituais que moram em caminhos e cruzamentos como os povos iorubanos, como confirma Simas e Rufino (2018) a partir da análise documental de narrativas do padre José de Anchieta,

no Alto Araguaia, era costume indígena oferecer comidas propiciatórias para boa sorte nos entroncamentos de caminhos. O padre José de Anchieta menciona presentes que os tupis ofertavam aos curupira nas encruzilhadas dos atalhos. (SIMAS E RUFINO, 2018, p.17)

Em diáspora, *a boca que tudo come* nos oferece significados importantes para compreender que a memória e a cultura estão sobrepostas. É difícil compreender Exu usando a ótica ocidental, pois se conta que “Exu nasceu antes da própria mãe”, e isso já confirma que além das funções simbólicas do senhor dos caminhos, Exu carrega em si a artimanha de ser o dinamizador das existências na terra. A cosmovisão de Exu pela tradição iorubá, valoriza a diversidade, a pluralidade e a abertura para o novo, ela nos fornece a compreensão que a comunicação é um processo dinâmico e complexo, e que exige o diálogo entre diferentes perspectivas e saberes.

Dessa forma, a comunicação não é apenas um meio para a transmissão de informações na cosmovisão de Exu, mas sim um processo de troca. Essa perspectiva de comunicação está de acordo com a visão de Paulo Freire sobre a Comunicação Popular. Para Freire, a comunicação é uma prática pedagógica que se dá em um contexto de participação com capacidade de transformação. Ele defende que a comunicação deve ser um processo de construção coletiva de saberes, no qual os sujeitos envolvidos no processo comunicacional são coautores do conhecimento.

No seu estudo sobre comunicação alternativa e popular Mário Kaplún (1958) ressalta que os aspectos sócio-políticos presentes na comunicação considerada “libertária” e “transformadora” são capazes de gerar agentes ativos. Essa comunicação desenvolvida pelo “povo” e para o “povo”, carrega a capacidade educativa, onde as

mídias produzidas colaboram para que gerem discussões e reflexões conscientes para a transformação social.

Peruzzo (2004) afirma que a comunicação dos pequenos agrupamentos centrada no discurso político popular, passou a “ampliar seu alcance por meio da incorporação de meios massivos, principalmente de radiodifusão” que desencadeou nas novas formatações de conteúdos e linguagens diversas que hoje são presentes nas produções. Com base em princípios públicos e gratuitos, a comunicação popular se apresenta como veículo de prestação de serviços que opera na cativação das populações para participação ativa, e assim manifestar os interesses comuns da comunidade nos veículos comunicacionais.

Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor – tão presente quando se fala em grande mídia –, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de emissor e difusor de conteúdos. A participação ativa do cidadão, como protagonista da gestão e da emissão de conteúdos, propicia a constituição de processos educacionais, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento do exercício da cidadania. (PERUZZO, 2006, p.10) e para a desconstrução da ideia do receptor como mero consumidor e sem envolvimento intelectual e prático. O “povo” enquanto protagonista gestiona um outro formato de produção comunicacional, onde o receptor é o produtor e difusor do conteúdo, e a capacidade de ampliação da comunicação popular está na troca, dinamizada para os povos nagôs por Exu.

Dessa forma, podemos afirmar a potência contra-hegemônica presente na comunicação popular, como definem Dore e Souza (2018) partindo do pensamento do sociólogo inglês Raymond Williams:

O que seria, então, a ‘contra-hegemonia?’ Seriam experiências, significados e valores que não fazem parte da cultura dominante efetiva; formas alternativas e opositoras que variam historicamente nas circunstâncias reais; práticas humanas que ocorrem ‘fora’ ou em ‘oposição’ ao modo dominante; formas de cultura alternativa ou opositora residuais, abrangendo experiências, significados e valores que não se expressam nos termos da cultura dominante, embora sejam praticados como resíduos culturais e sociais de formações sociais anteriores; formas de cultura emergente, englobando novos valores, significados, sentidos; novas práticas e experiências que são continuamente criadas. (DORE E SOUZA, 2018, p. 254).

A Comunicação Popular, busca superar as desigualdades sociais e valorizar a diversidade cultural, se caracteriza pela participação ativa dos sujeitos, e pela promoção

e valorização das experiências cotidianas do povo. Em relação com a cosmovisão de Exu, a prática da Comunicação Popular está no reconhecimento e criação de saberes e fazeres coletivos. No movimento de Exu a troca é fundamental.

Defender os espaços construídos pela comunicação popular é estreitar os laços com o Brasil, é agarrar os povos e os desejos na pluralidade dos espaços. Usando a base freiriana, compreendemos que os comunicadores precisam estar atentos à transformação radical dos espaços, além da técnica a mensagem precisa chegar com diálogo, com a oportunidade de troca, e a partir disso iremos compreender que a comunicação é um campo que mora na encruzilhada.

REFERÊNCIAS

- DORE, Rosemary; SOUZA, Herbert Glauco de. **Gramsci Nunca Mencionou o Conceito de Contra-Hegemonia**. Cadernos de Pesquisa, São Luís, v. 25, n. 3, jul./set. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 4 o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- Peruzzo, Cicilia M.K. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. Revista PCLA – Pensamento Comunicacional Latino Americano. São Bernardo do Campo: Cátedra UnescoUmesp, v. 4, n. 1, p. 1-9, 2002a.
- MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, 1994.
- Peruzzo, Cicilia M.K. **Comunidades em tempo de redes**. In: Peruzzo, Cicilia M.K.; COGO, Denise; Kaplún, Gabriel (Orgs.) *Comunicación y movimientos populares: ¿cuales redes?* São Leopoldo: Unisinos, 2002b. p. 275-298.
- Peruzzo, Cicilia M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a
- KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular**. Quito: CIESPAL, 1985.
- SILVA, David Santos da. *Pedrinhas Miudinhas: O culto de Caboclos e Caboclas em Santo Amaro-BA*.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: as ciências encantadas das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. ISBN 978-8565679763. SIMAS, Luiz